

NOVAS GERAÇÕES DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS-TRABALHADORES: TRÂNSITOS ENTRE O MUNDO FÍSICO E O TERRITÓRIO NUMÉRICO: NOVOS DESAFIOS À PESQUISA

Marilena **Nakano** – CUFSA

Elmir de **Almeida** – USP-Ribeirão Preto

Maria Elena **Villar e Villar** – CUFSA

Vanderlei **Mariano** – CUFSA

Introdução

Muitos profissionais da educação que atuam junto a jovens, no ensino médio ou na universidade, expressam sentimentos e percepções distintos sobre esses sujeitos, oscilando entre estranhamento, indignação e desalento. Estranhamento, porque não reconhecem nos jovens atuais a “juventude dos anos 60 e 70”, ator que determinada produção sociológica brasileira apreendeu a partir do binômio “participação-exclusão”, no contexto de uma sociedade em desenvolvimento, porém portador das virtualidades de transformações dessa mesma sociedade. (FORACCHI, 1965). Indignação e desalento, pois os adultos-educadores associam os jovens alunos do presente a condutas concebidas como “disruptivas”, “pouco civilizadas”, não raro qualificadas como uma expressão da desvalorização da instituição escolar, de seus tempos e ritmos, das interações com seus professores, inclusive com seus próprios pares.

Muitos dos que hoje formulam críticas aos jovens estudantes – sejam os da educação básica ou os inseridos no ensino universitário - os olham e os concebem apenas a partir da figura de alunos, sem considerar que “*não se nasce aluno, (...) torna-se aluno*” (SPOSITO, 2011: 9) e que é preciso, dentre outras coisas, reconhecê-los como sujeitos inseridos de forma peculiar “*no ciclo da vida – a infância e a adolescência – categorias específicas e dotadas de uma autonomia relativa na sociedade e na literatura sociológica*” (DURU-BELLAT & VAN ZANTEN, 1992: 179 apud SPOSITO, 2011: 30). E que outras dimensões precisam ser consideradas em seu processo de socialização, não apenas aquelas vividas na escola.

É nesta última perspectiva que conduzimos uma pesquisa amostral junto a estudantes de uma universidade paulista situada em região urbano-metropolitana, considerada rica e portadora da memória social de importante momento histórico de luta operária brasileira, sobretudo em virtude da autonomia da ação sindical face ao Estado, durante os anos das décadas de 1970 a 1980.

Em 2011, a instituição universitária, *locus* da pesquisa, contava com cerca de 6.500 estudantes, em sua maioria, jovens. Os resultados da pesquisa recente foram comparados e analisados com os obtidos em estudo anterior, desenvolvido em 1990, na mesma IES.

Os resultados gerais a que chegamos incitaram-nos a dar continuidade ao estudo, desta feita lançando mão de novas perspectivas teórico-metodológicas: uma qualitativa e outra numérica, de maneira que possamos aprofundar as reflexões que afloraram a partir dos dados quantitativos obtidos.

Assim, julgamos pertinente não nos contentar com os dados que evidenciam as características e sociabilidades próprias dos jovens no território daquela IES. Estamos empenhados na busca e incorporação ao debate de outros e novos elementos que concorrem para a socialização dos jovens, sobretudo aqueles elementos que eles configuram em espaços *extraescolares*, para tanto temos nos apoiado, principalmente, em conhecimentos produzidos pelas áreas da sociologia, da antropologia e da filosofia, bem como temos nos valido de ferramentas referentes à pesquisa numérica.

Nossa hipótese é de que os jovens, a partir do lugar que eles ocupam na sociedade e dos modos como vivem a fase de vida juvenil, são atores mais capazes de revelar as evoluções que vivemos, pois eles *sentem mais fortemente, do que as antigas gerações, as modificações, às vezes subterrâneas, que tocam toda a sociedade. Por isso pode-se dizer que os jovens são uma **placa sensível** da mudança social.* (COMMISSARIAT GÉNÉRAL DU PLAN, 2011: 25, tradução livre, grifos nossos).

Na primeira parte do texto, discorreremos sobre alguns dos resultados da pesquisa realizada em 2011, comparando-os com resultados da pesquisa desenvolvida em 1990. Aqui, escrutinaremos apenas os dados que nos permitam avançar na compreensão dos novos processos de socialização dos jovens atuais. Inicialmente, focalizaremos o mundo físico, topológico, de nossos jovens, a partir dos pontos de sua ancoragem: casa-trabalho-escola. À primeira vista, parece-nos que eles circulam apenas pelos pontos que compõem tal triangulação, numa espécie de quase aprisionamento, pois dotados de pouca mobilidade. Em seguida, e a partir daquela triangulação, nos dedicamos em expor um desafio que os jovens mesmos nos revelaram, pois eles vocalizam que aqueles três pontos de ancoragem não podem ser vistos como os únicos entre os quais circulam. Afirmam que se movimentam no mundo da internet, que circulam por um “mundo numérico”, digital, nele produzindo outras interações e relações, numa espécie de jogo que se encontra ainda pouco escrutinado, aberto a novas questões de pesquisa sobre os processos contemporâneos de mobilidade juvenil por novos “territórios circulatórios” (TARRIUS, 2000; 2002). Em outros termos, os jovens afirmam que

algo se move nas “nuvens” e que nós, professores e pesquisadores, temos que nos sentir desafiados a compreender tal movimento, seus sentidos, seus códigos, de forma a compreender as possibilidades de socialização que naquele novo *locus* eles articulam e vivenciam. Quem sabe, aí, encontremos elementos que nos permitam compreender porque esses jovens já não aderem às mesmas formas de agir coletiva dos jovens da geração anterior e à matriz de socialização que a escola tenta lhes impor.

Na segunda parte, desafiados pelos dados apresentados pelos nossos jovens interlocutores, apresentamos reflexões que embasarão as próximas etapas da pesquisa, acentuando a importância das novas TICs na vida dos jovens e a necessidade de incorporar à investigação e à análise a noção “territórios circulatórios” (TARRIUS, 2000; 2002), de maneira a compreender melhor a complexidade da circulação dos jovens entre o mundo físico e o mundo numérico.

1. Jovens estudantes-trabalhadores: batalhadores brasileiros

Resultados de pesquisas acadêmicas, censitárias e de opinião pública já nos forneceram suficientes evidências sobre o fato de que no Brasil o *trabalho também faz juventude* (SPOSITO, 2005: 124), tornando mais complexo o debate sobre os meandros da socialização de nossos jovens, na medida em que a fase da vida que vivem não se mostra uniforme e linear, pois, dentre outros elementos, a escola não antecede o trabalho, ao contrário, tais esferas socializadoras ganham concomitância nos trânsitos que empreendem rumo à vida adulta.

Em 2011, dos sujeitos que interagiram com nossa pesquisa 70% deles estavam na faixa etária de 17 a 24 anos e 89% no agrupamento de 17 a 29 anos de idade, ou seja, a quase totalidade deles é jovem, considerando-se o limite máximo da faixa etária 24 anos ou 29 anos¹.

A maioria afirmou estar integrado ao mundo do trabalho, realizando arranjos diversos de maneira que pudesse seguir estudando. Quanto à renda média do núcleo familiar de origem, 72% deles indicaram que ela não ultrapassava os 10 salários mínimos (o 1% mais pobre recebe até um salário mínimo; 10%, de 1 a 3 s. m.; 25%, de 3 a 5 s. m.; 36% de 5 a 10 s. m.). Alguns, como Souza & Lamounier (2010), diriam que a maioria de nossos interlocutores pertence à chamada “nova classe média brasileira”, todavia aqui adotaremos as análises de Jessé Souza (2010), que os denomina de “nova classe trabalhadora”, “batalhadores brasileiros”, obrigados a “matar um leão por dia”, pois

¹No presente texto, seguindo o critério usado pelo IBGE para definir população jovem, reteremos a faixa etária de 17 a 24 anos, sem entrar no debate meandroso sobre tal questão, pois ela não é foco principal de nossa discussão.

submetidos a jornadas diárias que ultrapassam as oito tradicionais horas de trabalho do fordismo. Eles vão além: estudam e trabalham. Eles ocupam uma determinada posição social que lhes abre um campo de possibilidades ou lhes coloca um conjunto enorme de impossibilidades, conforme se verá a seguir.

1.1. Casa–trabalho–escola, pontos fixos do território físico que ancoram os jovens

Uma parcela expressiva dos jovens estudantes pesquisados mora com a família (85%); alguns deles, mesmo trabalhando, dela requer apoio para estudar (21%), outros ainda acessam outras formas de suporte como bolsas acadêmicas (8%), bolsas de estudo do poder público municipal (8%), ajuda da empresa em que trabalha (5%) ou, outras alternativas de apoio institucional-acadêmico (5%).

A questão da moradia dos nossos jovens brasileiros ainda é tema não estudado em nosso país, diferentemente das interações que mantêm com o trabalho e a escola (SPOSITO, 2002; 2005). Em certos países europeus, encontram-se políticas públicas de habitação voltadas para este segmento da população, a exemplo da França e da Dinamarca. Isso garante a esses jovens viverem esta fase da vida e os percursos que formalizam rumo à vida adulta de forma mais independente de seus pais (VAN DE VELDE, 2008, 2006). Quanto aos debates sobre políticas de habitação, o segmento juvenil não é sequer pensado, visto que o foco se concentra no histórico déficit habitacional existente no país e nas famílias mais pobres.

A casa ou a habitação dos jovens, bem como sua localização num dado território, não é apenas um indicador de sua posição de classe e de sua situação de moradia (urbano ou rural). Antes, ela é seu primeiro ponto de ancoragem, de saída do mundo privado para o espaço público, para a vivência de direitos e produção de experiências juvenis, em diferentes planos – escola, cultura, lazer, trabalho etc. Os jovens pesquisados registraram que quando deixam a casa/local de moradia rumo à escola e/ou ao trabalho, a maioria o faz mediante o uso de transporte público. Na região em que moram, dada a inexistência do metrô e a limitada extensão do transporte sobre trilhos, muitos deles se locomovem de ônibus (42%), alguns de carro próprio (27%) ou ainda de carona (16%). Quando se toma para análise o tempo que levam para cumprirem o trajeto da casa/do trabalho para a escola, identificamos que 44% deles levam de meia à uma hora e, da casa para o trabalho, 35% levam de meia à uma hora. Considerando que na região em que habitam não há ônibus bairro a bairro, que todos são obrigados a se dirigirem para um ponto único e deste para seus bairros de moradia, pode-se afirmar, com convicção, que o percurso que fazem os jovens não deve ultrapassar 25

quilômetros de distância de suas casas. Desse modo, muitos de nossos interlocutores apresentam semelhanças com os jovens estudantes que integraram a pesquisa sobre mobilidade espacial e o direito à cidade/metrópole, desenvolvida por Zioni *et al*² (2012), pois aqueles *são jovens ativos que trabalham e estudam e/[ou] indivíduos que somente estudam e se deslocam perto do seu local de residência (no mesmo distrito), principalmente a pé ou de ônibus* (ZIONI *et al*, 2012 : 12).

As tipologias de indivíduos e seus padrões de mobilidade espacial, conformadas por Zioni *et al* (2012), permitem olhar para os jovens estudantes-trabalhadores com os quais interagimos e verificar que seus modos de deslocamentos no tecido urbano limitam suas possibilidades de acesso, por exemplo, aos serviços e produtos culturais, de lazer, de recreação, públicos ou privados, espalhados pela região metropolitana de São Paulo.

Os jovens de nossa pesquisa têm pouco tempo para outras atividades: 50% do total dos sujeitos pesquisados declararam que têm até uma hora/semana para atividades culturais extraclasse; 57% leem jornal ocasionalmente, 24% nunca o fazem; nem mesmo a TV é assistida para o acesso à notícias (15%).

Os dados sobre trabalho, associado ao tempo gasto com deslocamento, explica em parte essa situação: do total dos jovens de 17 a 24 anos pesquisados, 94% deles são trabalhadores, portanto, jovens estudantes-trabalhadores. 45% deles trabalham em tempo integral (40 horas ou mais); 28%, entre 20 e 40 horas semanais. Do total dos jovens que trabalham 55% o fazem em situação estável, ou seja, têm carteira assinada, mas não se pode desconsiderar o alto percentual de jovens que trabalham em situação precária (45%).

Numa região que chamou atenção sobre si, nas décadas de 60, 70 e 80, principalmente, pela forte presença do operariado que foi capaz de mudar o sindicato até então atrelado ao Estado, chama atenção o fato de que a maioria dos jovens em 1990 atuava no campo de profissões da área administrativa, científica, técnica e artística (85%), e em 2011, o percentual caiu para 64%, numa gama heterogênea de profissões e de salários, apontando para uma maior pulverização das profissões.

²Pesquisa intitulada *Metrópoles da América Latina na globalização: reconfigurações territoriais, mobilidade espacial e ação pública* que objetiva estudar as recentes reconfigurações de metrópoles latino-americanas. Do artigo citado, destacamos, especialmente, as análises que os autores extraíram de indicadores sociodemográficos, espaciais e de mobilidade de sujeitos moradores da Região Metropolitana da Grande São Paulo. Os pesquisadores identificaram cinco tipologias de indivíduos e suas práticas de mobilidade cotidiana na metrópole. Os tipos ideais permitiram aos autores descrever e analisar as desigualdades existentes nos padrões de deslocamento e acesso aos serviços que a espacialidade metropolitana paulistana oferece ao cidadão (Zioni *et al*, 2012).

Poder-se-ia argumentar que os jovens de hoje exercem profissões em outras áreas produtivas por causa da escolaridade que apresentam e que por isso talvez obtivessem salários melhores, contudo, os dados sobre a renda do núcleo familiar de origem não autorizam tal inferência. Além do mais, os dados sobre a profissão dos pais revelam que hoje, mesmo sendo de uma região ainda identificada pelo importante valor agregado da indústria (MONTAGNER & BESSA, 2003), pelo crescimento do setor serviços e do comércio em função de uma indústria dinâmica, apenas 17% dos pais dos estudantes de 2011 atuam na produção industrial, diferentemente dos de 1990, quando eram 35% e recebiam salários considerados “altos” quando comparados aos de outras regiões do país. Atualmente, além do número menor de postos na indústria, a pesquisa revela que há uma enorme pulverização das profissões dos pais e das mães.

Continuando a comparação dos jovens de 1990 com os de 2011, verifica-se hoje uma maior regionalização da universidade estudada. Em 1990, 50% dos jovens tinham nascido na própria região, hoje eles somam 79%. Este percentual é ainda maior quando se toma para análise o local de moradia. 87% dos jovens estudantes vivem nesta mesma região, sendo que 44% deles na cidade onde a universidade está instalada. A escolha da universidade, possivelmente, passa pela possibilidade de acesso e os deslocamentos casa-trabalho-escola. Configura-se, assim, um triângulo com três pontos fixos, delimitando um território físico onde os jovens se movem: pontos que funcionam como âncoras que os fixam nos contornos deste limite espacial.

Poder-se-ia, apressadamente, dizer que esses jovens trabalhadores-estudantes são pouco móveis, distantes dos processos de mundialização em andamento que têm como uma de suas características a mobilidade no espaço. Conforme resultados de estudos que têm sido feitos, a mobilidade, em tempos de mundialização mais intensa, não é exclusiva do capital financeiro, dos executivos, dos jovens de famílias de classe média abastada e ricos, a chamada “mundialização pelo alto”. Também os pobres circulam incessantemente de seus países pobres em direção aos países mais ricos, para trabalhar ou para fazer circular mercadorias, como “formigas”, revelando que também há uma “mundialização por baixo”, tal como já estudada por Tarrius (2002).

Parece, e aqui é preciso reter a palavra parece, pois os dados à frente permitirão outras análises, os jovens estudados vivem entre a escola e o trabalho, instituições tradicionais, juntamente com a família (a casa), que foram responsáveis pela instalação de uma matriz de socialização calcada na ideia de inculcação de valores, normas e regras, interiorizados pelos

sujeitos como seus, e que garantiram, de forma eficiente durante décadas, uma certa disciplina na escola e no mundo do trabalho, mas que hoje encontra-se em crise (DUBET, 2002).

No que tange à escola, a constatação da existência da crise não significa que ela tenha perdido importância para eles, mesmo que não mais a reconheçam como a instituição que lhes garantirá inserção no mundo do trabalho e a mobilidade social, conforme análises já feitas em outros estudos.

Os jovens assumem essas referências e, de modo geral, não contestam fortemente sua legitimidade, embora reconheçam limites no impacto que a instituição escolar tem sobre suas vidas, sobretudo nos benefícios de uma provável inserção no mundo do trabalho. Sabem que a escolarização é uma entre outras possibilidades para se situar melhor no mundo, para além de um ganho imediato com o emprego ou um futuro profissional. (SPOSITO, 2005: 123).

Com relação ao trabalho, estudos indicam a existência de ambiguidades e contradições entre gerações surgidas do aumento da escolarização dos jovens e suas dificuldades de ascensão no espaço fabril, mesmo quando apoiados pelos pais:

Os episódios nos quais as alianças entre as duas gerações se tornam explícitas normalmente guardam relação com a situação de fragilidade enfrentada pelos jovens metalúrgicos no mercado de trabalho. Isso porque, ainda que pareçam mais bem preparados para enfrentar as dificuldades do mercado, esses jovens se tornam bastante vulneráveis num contexto de desemprego estrutural e de expansão do sistema de ensino, que leva a uma desvalorização crescente dos diplomas. Além disso, seus próprios modos de agir como trabalhadores parecem conduzir também a uma perda das armas simbólicas com as quais a primeira geração contava, entre elas a solidariedade e a confrontação aberta com a empresa. (TOMIZAKI, 2006: 168).

Enfim, os resultados a que chegamos nos remetem a uma realidade juvenil complexa, quando se trata de entender os processos de socialização que vivenciam. Os dados sugerem que não tenhamos conclusões apressadas, pois elas podem nos levar aos ardis das repostas fáceis e prontas. Deste modo, entendemos ser imperativo ir além do mapeamento e compreensão dos pontos constatados de sua ancoragem - **casa-escola-trabalho**, pois eles vocalizaram que também se movem em outro universo, o território numérico.

1.2. “Território numérico”, um espaço de mobilidade dos jovens estudantes-trabalhadores

O debate sobre “território numérico” vem se adensando nos últimos tempos. Exemplo disso é o conjunto de arrazoados apresentado por Boullier (2010) para tratar de diferentes questões envolvidas em torno desta temática, dentre elas: a) um meio específico imaterial, configurando-se como “*autoroutes de l’information*”, espaços polifônicos; b) um meio que envolve questões de poder e de controle e o nascimento de novos sujeitos de controle; c) a existência da *hub*, entendida como organizadora da web, de um espaço sem fronteiras; d) o surgimento de comunidades de autoridades presentes no território numérico e reconhecido no mundo físico; e) uma complexificação das noções

de espaço e de tempo etc. Enfim, impossível ver o mundo somente a partir do território físico, topográfico, do vivido concretamente, passível de apreensão em mapas, cartografias tal como se expandiu especialmente depois do século XV.

É cada vez maior o número de jovens, de diferentes classes sociais, que circulam pelo mundo numérico (DATAFOLHA, 2008), ainda que em condições materiais desiguais. Isso não é diferente para os universitários que estudamos, pois 96% deles informaram que tinham acessado a internet nos últimos 3 meses que antecederam o preenchimento do formulário de nosso estudo; 99% utilizaram o telefone celular para uso pessoal. Além disso, para 74% deles a internet é o meio mais utilizado para se manterem informados. Apenas 15% acompanham o noticiário pela TV e 2%, por rádio. Se a internet os leva a territórios virtuais, no mundo físico, eles praticamente não acessam nem o cinema, nem o teatro. Apenas 5% dos jovens afirmam que vão ao cinema e/ou ao teatro. É com a internet que gastam mais tempo, do pouco tempo livre de que dispõem (42% deles fazem esta afirmação). É expressivo o número de jovens universitários que fazem uso de instrumentos que lhes permitem sair do lugar sem se deslocar materialmente, movimentando-se num território que não é o físico, mas numérico, virtual. Eles não param aí, pois indicam o interesse e o desejo de circularem por outros grupos, quando afirmam que dominam razoavelmente uma ou mais línguas estrangeiras (55%) ou que têm domínio completo de mais de uma língua estrangeira (12%) e 93% deles têm interesse de aprender outra língua.

Os dados a que chegamos impõem a necessidade de novas pesquisas que permitam perquirir os modos de circulação dos jovens pelo mundo numérico e compreender os laços sociais, os novos processos de socialização e sociabilidades em que figuram como atores centrais. Mais do que isso, as pesquisas sobre a “mundialização por baixo”, voltadas a compreensão dos processos de circulação de trabalhadores pertencentes a diferentes grupos étnicos e altos executivos, tal como as desenvolvidas na França (TARRIUS, 2000; 2002), introduzem a necessidade de ir além dos limites do debate sobre a mobilidade que toma como referência um ponto de partida e um ponto de chegada, à semelhança dos estudos de origem-destino. Os processos de mobilidade envolvem elementos espaciais - um ponto de partida e um ponto de chegada, como também distintas temporalidades, na medida em que sujeitos carregam com eles histórias do lugar de origem que interferem nos processos de vivência nos lugares de chegada. É no cruzamento do espaço-tempo, portanto, que vemos surgir a noção de “territórios circulatórios”, tal como nos propõe Tarrius (2000; 2002):

Todo espaço é circulatório, mas nem todo espaço é território. A noção de território circulatório constata a socialização de espaços segundo lógicas de mobilidade. Essa noção introduz uma dupla ruptura nas acepções comuns de território e da circulação. Em primeiro lugar nos sugere

que a ordem nascida dos sedentarismos não é essencial à manifestação do território, em seguida, exige uma ruptura com as concepções logísticas das circulações, dos fluxos, para conferir sentido social à mobilidade espacial. (TARRIUS, 2000: 55,56, tradução livre). (...) A noção de território circulatório constata uma certa socialização dos espaços suportes aos deslocamentos. Os indivíduos se reconhecem no interior dos espaços que eles investem ou atravessam no decorrer de uma história comum da migração, iniciadora de um vínculo social original. Estes espaços oferecem recursos simbólicos e fatuais do território (TARRIUS, 2002, s/página, tradução livre).

Tais referências tomadas dos debates sobre a mundialização e sobre a mobilidade de grupos de pessoas de um lugar a outro, talvez possam auxiliar na compreensão dos processos de socialização dos nossos jovens, aparentemente “aprisionados” a um certo espaço físico, mas ao mesmo tempo navegando no “mundo numérico”, movendo-se de um mundo a outro. Acreditamos também que a noção de “território circulatório” talvez permita fazer os vínculos entre os espaços que circulam e os tempos por eles vividos.

Ao iniciarmos nossa pesquisa, tínhamos como referências temporais os anos das décadas de 1980 e 1990 – respectivamente, a década perdida e a década mais do que perdida. Nossa hipótese era de que a região onde IES está instalada não mais se caracterizava como polo de atração de migrantes, como o fora nos anos das décadas de 50, 60 e 70. No entanto, um percentual significativo de jovens indicou que seus pais nasceram em localidades situadas fora da região: 36% dos pais vieram de outros estados e 14% do interior do estado, totalizando 50% de migrantes; dentre as mães, 12% vieram de municípios do interior do estado e 32% de outros estados.

Com pais e mães nascidos fora da região metropolitana que moram, é necessário investigar como isso impacta a vida dos jovens daquela IES. Esse debate é importante, pois ele pode revelar como as configurações atuais entre os locais de origem e os locais de chegada para o migrante dos novos tempos se modificaram de uma geração a outra. Não se trata mais verificar como eles se instalam na região que os recebe, dado que ela já não é mais marcada pelo pleno emprego e pouco fomenta, com anteriormente, aspirações e expectativas de um futuro melhor. Assim, a circulação entre o local de origem e o local de chegada pode ser elemento também presente na vida dos jovens. Os jovens estudados, contrariamente a seus pais, nasceram na região e não podemos ter respostas rápidas e prontas para esta questão, considerando que aqui eles estão produzindo suas raízes.

A compreensão da mobilidade juvenil, que extrapola a tríade **casa-estudo-trabalho**, nos parece essencial para captar processos de socialização em curso, produção de identidades, adesão/não adesão a certas matrizes institucionais e ações coletivas. E aqui as novas mídias jogam papel fundamental, pois é por meio delas que a mobilidade se configura diferentemente,

os “territórios circulatórios” permitem estabelecer vínculos entre espaços e tempos distintos, dando lógica e organicidade a algo que os adultos têm tanta dificuldade de compreender:

2. Trânsitos entre “território numérico” e “território circulatório”: novas possibilidades de mobilidade e novos desafios à pesquisa

É cada vez mais visível a forte presença das novas mídias e das tecnologias da informação e comunicação – TICs - na vida cotidiana de sujeitos juvenis pertencentes a diferentes classes, estratos sociais, níveis de escolaridade e regiões do mundo. Diante de tal realidade, alguns pesquisadores advogam as ideias de que jovens *multitasking*, da *geração @*, *geração.com*, indivíduos representantes da *la société-écran* são realidades sociais e culturais inarredáveis (RIZZINI et al, 2005; MEDIAPPRO, 2006; OBSERVATÓRIO JOVEM/UFF, 2007; DATAFOLHA, 2008).

Para os integrantes das novas gerações, dadas à precocidade com que se apropriam daqueles aparatos e a facilidade que demonstram nos usos que deles fazem, e as práticas circulatórias que empreendem, tal fenômeno ganha importância ainda maior, entre o território físico, topológico, e o “território numérico”, imaterial, eles ampliam e diversificam seu universo cultural e simbólico, estabelecem relações com novos agentes socializadores, constroem novos planos de cognição e aprendizagens, produzem novos códigos e signos, e, por conseguinte, ampliam e diversificam seus espaços de socialização, especialmente com os pares (SPOSITO, 2010, SETTON, 2009; 2011). Os representantes das gerações jovens, pelos modos como se apropriam e usam as novas mídias e TICs, reestruturam o universo sociocultural deles e das gerações adultas, na medida em que *recompõem* valores éticos e morais fundados pela modernidade – a exemplo dos valores da liberdade, igualdade e solidariedade; conformam novos valores – tais como a positividade que fazem das diferenças, dos diferentes e da diversidade sociocultural – de gênero, sexo, étnicas, de estilos e modos de vida etc. Contudo, a partir daquelas mediações também *reatualizam* valores identificados com o pensamento autoritário, que dão suportes a condutas sombrias ou belicosas – particularismos etnocentros, ideologias fundadas no nazi-fascismo e, segundo Setton (2009), eles também configuram e põem em movimento “novas formas de controle social” entre os pares. Pela mediação das novas mídias e TICs, os jovens vivenciam uma diversidade de situações e encontros, com distintos sentidos e significados – solidários, ambíguos, por vezes contraditórios.

Em outras palavras, os mais novos não apenas reproduzem o já dado, mas produzem novas possibilidades cognitivas, novos modos de ser e de se expressar, tornam mais

complexos não apenas a compreensão daquelas tecnologias, mas também os itinerários e processos de socialização, os planos de sociabilidade que escolhem vivenciar. Por intermédio das novas TICs, os atores juvenis entrelaçam tempos múltiplos e distintos, estabelecem vínculos entre o local e global, redefinem os limites entre a esfera pública e o mundo privado-doméstico, tornam mais fluídas as fronteiras entre os “tempos do lazer-trabalho e do trabalho-lazer” (OBSERVATÓRIO JOVEM/UFF, 2007), configuram um movimento que impulsiona cada um a expor uma parte da vida íntima, tanto física quanto psíquica (TISSERON, 2002). Em síntese, os jovens investem em novos modos viver a juventude, a experiência do tempo, eles (re)fundam e se apropriam de territórios, por entre os quais circulam, mobilizam e articulam coletivos, disputam poder num território dotado de alta densidade de informações.

Neste cenário, o fosso entre as gerações se amplia e as trocas intergeracionais tornam-se mais tensas, conflituosas, pois é cada vez mais difícil às gerações adultas, socializadas em outras experiências espaço-temporais, “capturar” aquelas interações e seus movimentos, compreender seus ritmos, processos e produtos, e desse modo, impor aos jovens um modo de ser adulto pautado naquilo que consideram ser o melhor para a vivência do presente e para os projetos de futuro.

Isto posto, faz-se necessário olhar para o universo das TICs a partir de um duplo estatuto, o de serem simultaneamente **objetos** e **ferramentas** de pesquisa, para que investigadores sobre a condição juvenil e jovens possam fazer uma reflexões teórico-metodológicas que permitam melhor dimensionar e analisar os modos de sua apropriação e uso pelos jovens, a exemplo do que vem se realizando por distintos pesquisadores na França (PEJOUT, 2007). A circulação dos jovens pelo “território numérico”, suas decorrências para a compreensão da natureza do laço e da ação social, os valores culturais e ético-políticos que (re)figuram os jovens, é ainda pouco investigada áreas das Ciências Humanas e Sociais brasileiras. Mais ainda, nestas áreas, quando se trata de estudos sobre a juventude e os sujeitos juvenis, as pesquisas quantitativas são também escassas (SPOSITO, 2009). Do conjunto de resultados obtidos pelo *Estado da Arte* da produção brasileira pós-graduada, de 1999 a 2006 (SPOSITO, 2009; Setton (2009) sublinha que constatou um vazio quanto à produção de conhecimento acadêmico especificamente sobre a tríade juventude, jovens e TICs: *é forçoso lembrar (...) a ausência de estudos acerca de tecnologias de informação e comunicação (TICs) bastante populares e disseminadas entre nós. Por exemplo, não encontramos nenhum trabalho sobre telefones celulares ou as próteses auditivas representadas pelos IPods e MP3* (Id., Ib., 2009, p. 64).

Assim como os migrantes, também os atores jovens podem partir da ideia de que *o que define o mundo contemporâneo é a circulação, bem mais do que as estruturas e as organizações estáveis* (URRY, 2005, apud DIMINESCU, 2007, p. 275). Se, por um lado, podem-se estudar os jovens em seus deslocamentos no interior do país, entre países, entre espaços diversos da cidade-metrópole, entre o mundo rural e o urbano, enquanto lugares fixos, por outro, é necessário reconhecer sua mobilidade no “mundo numérico”, sem sair de um lugar físico, eles se conectam e percorrem todo o mundo, através da *web*. Conforme afirma Canclini (2008): *nunca tivemos a chance de ser tão cosmopolitas como agora, tão contemporâneos de muitas culturas, sem a necessidade de viajar. Basta ver a forma como os jovens incorporam as mensagens musicais e televisivas transnacionais às novas formas de territorialização, como o grafite* (p. 59).

Isso significa considerar, em termos epistemológicos, práticas diversas de mobilidade, afirmando que é difícil restringir o debate às questões concernentes ao território físico, de identidade cultural ou de integração social e institucional quando se trata de jovens que se movimentam no mundo virtual, pois é preciso considerar uma de suas fortes características, a “mobilidade permanente”, a “cultura da mobilidade”, especialmente porque o meio ambiente global das mídias cria a imagem do distante como algo próximo (DIMINESCU, 2007). Torna-se mais complexo o debate sobre os processos contemporâneos de socialização dos atores jovens, assim como sobre os modos como tecem os laços sociais, constituem a sua subjetividade, os seus processos identitários, seus valores, em outros termos, torna-se mais desafiadora a apreensão e compreensão da ação individual e coletiva dos atores jovens.

Os resultados da pesquisa que realizamos em 2011, com jovens universitários de IES situada em região metropolitana paulista revelam diferenças socioculturais, econômicas e geracionais significativas em relações aos jovens-estudantes de 1990: aqueles são jovens que viveram as vicissitudes das políticas públicas educacionais paulistas e são representantes juvenis da nova classe trabalhadora ascendente no país, denominada por Souza (2009) de “batalhadores brasileiros”. Os resultados revelam, também, os processos de mutação produtiva e socioeconômica que a região enfrenta desde o final dos anos de 1990 e que afetam diretamente os jovens daquela espacialidade. Mas, o que queremos ressaltar neste texto é que representantes da atual geração de jovens-estudantes universitários daquela região empreendem processos diversificados de mobilidade e de circulação por territórios que extrapolam a triangulação **casa-estudo-trabalho**, o que nos incita a dar continuidade à pesquisa, de maneira a aprofundar o conhecimento sobre seus processos de mobilidade, seus “territórios circulatórios”, bem como sobre os elos e os sentidos contidos entre a circulação no

território físico, topográfico, e o território virtual, numérico. Ao término deste texto, afirmamos que os resultados a que chegamos descortinaram apenas a ponta de um *iceberg* sobre os processos de mudança social e cultural em curso na ordem societária mais ampla, que atingem também a região metropolitana na qual a IES está instalada, e que têm nos jovens-estudantes universitários, novamente, um de seus atores seminais.

Bibliografia de referência

- BOULLIER, D. Au-delà des territoires numériques en dix thèses. URBE. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 2, n. 1, p. 13-27, jan./jun. 2010
- CANCLINI, N.G. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- COMMISSARIAT GÉNÉRAL DU PLAN. *Jeunesse le devoir d'avenir*. Rapport de la commission présidée par Dominique Charvet. Paris : La documentation française, 2001.
- DIMINESCU, D. Le migrant connecté. Pour un manifeste épistémologique, *Migrations/Sociétés*, vol.17, n°102, 2005, pp.275-292
- DUBET, F. *Le déclin de l'institution*. Paris : Seuil, 2002.
- FORACCHI, M. M.. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*, São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1965
- MEDIAPPRO. *Relatório quantitativo e qualitativo*. MEDIAPPRO, 2006. Disponível em www.mediapro.org/publications/syntheses%2015p./Portugal%20synthesis%20port.doc. Acesso em 15/10/2011
- MONTAGNER, P. & BESSA, V. O comércio e os serviços no ABC: transformações e limites. *Cadernos de Pesquisa*, n° 8, março de 2003, pp. 67 – 79.
- OBSERVATÓRIO JOVEM/UFF. *Os jovens, a mídia e a educação*, 2007. Disponível em <http://www.uff.br/observatoriojovem>. Acesso em junho 2011.
- PEJOUT, N. *Contrôle et contestation – sociologie des politiques et modes d'appropriation des Technologies de l'information e de la communication en Afrique du Sud postapartheid*. Paris : Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales – Ecole Doctorale , Recherches Comparatives sur le Développement, thèse du doctorat, 25 juin 2007
- RIZZINI, I. et al. Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias. *ALCEU*, v.6 - n.11, jul./dez. 2005. p. 41-63
- SETTON, M.G.J. Juventude, mídias e tic. SPOSITO, Marília P (coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira : educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, Belo Horizonte, MG : Argumentvm, 2009
- _____. Sociabilidade juvenil, mídias e outras formas de controle social. Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira. *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte: Ed. PUC : Minas, 2011, p. 67-80
- SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SOUZA, A. de & LAMOUNIER, B. *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro : Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.
- SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni (organizadores). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, pp. 87 – 127.

- _____. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. In PAIXAO, Lea Pinheiro & ZAGO, Nadir. *Sociologia da Educação : Pesquisa e realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. pp. 19 – 43.
- _____. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n. especial, 2010, p. 095-106
- _____. (coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira : educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009
- TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar las circulaciones migratórias: conveniência de la noción de “territorio circulatorio”. Los nuevos hábitos de la identidad. *Relaciones*, verano, Vol. 21, número 83. El Colegio de Michoacán, Zamora, México, 2000, pp. 37-66.
- _____. *La mondialisation par le bas : Les nouveaux nomades de l'économie souterraine*. Paris, Ed. Balland, 2002.
- TISSERON, S. *L'intimité surexposé*. Paris : Hachette, 2002
- TOMIKAZI, K. A herança operária entre a fábrica e a escola. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 1, 2006.
- VAN DE VELDE, C. *Devenir adulte: sociologia comparée de la jeunesse em Europe*. Paris: PUF, 2008.
- _____. “Se trouver”, ou le temps long de la jeunesse au Danemark. In BIDART, Claire (sous la direction de). *Devenir adulte aujourd'hui – perspectives internationales*. Paris : L'Harmatan, 2006, p. 37 – 53.
- ZIONI, S. *et al. Explorar as desigualdades no acesso aos recursos da metrópole de São Paulo através da mobilidade cotidiana para trabalho e escola : uma proposta metodológica*. Seminário “Diálogos Brasil França”, 28 a 30/04/2012. Disponível em <http://www.sendspace.com/file/0xuura>. Acesso em 28/04/2012

Site:

http://www.datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=700